

## PERCEPÇÕES SENSÍVEIS NA ARTE CONTEMPORÂNEA: CONCEPÇÃO ESTÉTICA DE GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI

Vania Konell.<sup>1</sup>  
Ana Clarisse Alencar Barbosa.<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo propõe analisar as obras de arte contemporânea nas lentes dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, bem como de teóricos que dialogam sobre a arte contemporânea como Catherine Millet, Arthur Danto, Carol Strickland, Luciano Vinhosa, Luigi Pareyson, Fernando Bini e Anne Cauquelin. Esta análise se faz a partir da concepção estética destes autores, contemplando uma perspectiva que considera a arte como um bloco de sensação composto por categorias definidas como percepto e afecto. Esta pesquisa procura responder o seguinte questionamento: Quais as percepções sensíveis que as obras de arte contemporânea provocam a partir das concepções estéticas? Tem como objetivo discutir a concepção estética em algumas obras de arte contemporânea, a partir dos conceitos dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari. Este estudo está embasado em uma abordagem teórico-analítica para fornecer subsídios conceituais acerca da arte e da estética como proposta que contribui para a apreciação artística contemporânea. As obras selecionadas para análise são parte do acervo do Instituto Inhotim, Museu de Arte Contemporânea em Minas Gerais, e seu estudo se efetivou a partir de coleta de registros fotográficos. Esta pesquisa mostra que, para estes autores, a arte é um composto estético que faz pensar por sensações e é compreendida como uma possibilidade criativa, promovendo a sensibilização dos sujeitos envolvidos nas manifestações artísticas nos diferentes tempos e espaços.

**Palavras-chave:** Arte Contemporânea. Estética. Bloco de sensação. Percepto e afecto.

## SENSITIVE PERCEPTIONS IN CONTEMPORARY ART: AESTHETIC CONCEPTION OF GILLES DELEUZE AND FÉLIX GUATTARI

**ABSTRACT:** This article proposes to analyze the works of contemporary art in the lenses of the philosophers Gilles Deleuze and Félix Guattari, as well as the theoreticians who talk about contemporary art such as Catherine Millet, Arthur Danto, Carol Strickland, Luciano Vinhosa, Luigi Pareyson, Fernando Bini and Anne Cauquelin. This analysis is made from the aesthetic conception

<sup>1</sup> Vania Konell: Graduada em Artes Visuais pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Mestrado em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB) e atualmente está cursando o Doutorado em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Atua como professora de Artes na Educação Básica e Superior em instituições públicas e privadas. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/5890713322997827>. [vaniakonell@bol.com.br](mailto:vaniakonell@bol.com.br)

<sup>2</sup> Ana Clarisse Alencar Barbosa: Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário FACVEST, Mestrado em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB) e atualmente está cursando o Doutorado em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Atua como professora pedagoga na Educação Básica e Superior em instituições públicas e privadas. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9776689996595302>. [anaclarissealencarbarbosa@gmail.com](mailto:anaclarissealencarbarbosa@gmail.com)

of these authors, contemplating a perspective that considers art as a block of sensation composed of categories defined as perception and affection. This research tries to answer the following question: What are the perceptions perceptible that the works of contemporary art provoke from the aesthetic conceptions? Its objective is to discuss the aesthetic conception in some works of contemporary art, based on the concepts of the philosophers Gilles Deleuze and Félix Guattari. This study is based on a theoretical-analytical approach to provide conceptual subsidies about art and aesthetics as a proposal that contributes to contemporary artistic appreciation. The works selected for analysis are part of the collection of the Inhotim Institute, Museum of Contemporary Art in Minas Gerais, and its study was carried out from the collection of photographic records. This research shows that for these authors, art is an aesthetic compound that makes think through sensations and is understood as a creative possibility, promoting the sensitization of the subjects involved in the artistic manifestations in the different times and spaces.

**Keywords:** Contemporary Art. Aesthetics. Block of sensation. Perception and affection.

## INTRODUÇÃO

*“Pintamos, esculpimos, compomos, escrevemos com sensações.  
Pintamos, esculpimos, compomos, escrevemos sensações”.*  
(DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 216)

Este artigo tem como tema o estudo da estética na arte contemporânea fundamentado pela análise das obras escritas pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997). Este tema propõe discutir a arte contemporânea a partir desse olhar, que considera aspectos estéticos, que, segundo os autores, é definido como bloco de sensações. Desta forma, para analisar a arte contemporânea, esta pesquisa dialoga com teóricos como Catherine Millet (1997), Carol Strickland (2004), Anne Cauquelin (2005), Luciano Vinhosa (2011), Luigi Pareyson (1997), Fernando Bini (2018) e Arthur Danto (2006).

Gilles Deleuze e Félix Guattari são filósofos pós-modernos franceses que trouxeram em sua obra “O que é a filosofia” a discussão que ponderou aspectos sobre ciência, filosofia e arte. Nesta obra, mais precisamente no capítulo que trata sobre “Percepto, Afecto e Conceito”, os autores buscam considerar a ciência como pensar por funções, a filosofia como pensar por conceitos e a arte como propulsora de sensações, ou seja, que faz pensar por sensações. Para eles (1997), a filosofia faz surgir acontecimentos com seus conceitos, a arte ergue monumentos com suas sensações e a ciência constrói estados de coisas com suas funções. Estas três grandes formas de pensamento traçam um plano para enfrentar o caos que é entendido como um eterno movimento de determinações. Portanto, a filosofia quer salvar o infinito, dando-lhe consistência: ela traça um plano de imanência, que leva até o infinito acontecimentos ou conceitos consistentes, sob a ação de personagens conceituais. A ciência, ao contrário, renuncia ao infinito para ganhar a referência: ela traça um plano de coordenadas somente indefinidas, que define sempre estados de coisas, funções ou proposições referenciais, sob a ação de observadores parciais. Já a arte, em meio a isso, quer sensações compostas, sob a ação de figuras estéticas. Isso significa que as três formas de pensamento se diferenciam, porém se aproximam quanto ao propósito de analisar o pensar.

Para Deleuze e Guattari (1997), este pensamento, que perpassa a fenomenologia, considera a arte como a única coisa no mundo que se conserva: “Conserva e se conserva em si”. Para estes autores, “o que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos” (1997, p. 213). Para eles a fenomenologia encontra a sensação em “a priori materiais”, perceptivos e afectivos, que transcendem as percepções e afecções vividas. A fenomenologia deve fazer-se fenomenologia da arte, na qual o sujeito precisa exprimir-se em funções transcendentais para constituir sensações vivas (1997, p. 230).

É importante destacar que o conceito de arte vem sendo discutido historicamente por muitos autores e muitas considerações já foram publicadas. Segundo Pareyson (1997), tradicionalmente a arte é definida de três formas distintas. As definições mais conhecidas da arte, recorrentes na história do pensamento, podem ser: como um fazer, ora como um conhecer, ora como um exprimir. Mas, de acordo com o autor, certamente a arte é expressão. Mas é importante que se perceba que todas as operações humanas são expressivas, portanto é necessário dizer que a arte também tem um caráter expressivo. Ainda segundo Pareyson (1997, p.22-23):

Dizer, por exemplo, que a arte é “expressão de sentimentos” pode ter importância no plano da poética, mas é uma perigosa asserção no plano da estética. Pode existir o programa de uma arte lírica, que consista no exprimir afetos e emoções, o que, no entanto, não esgota a essência da arte, já que não se compreende qual sentimento um arabesco, ou uma música abstrata, ou uma obra arquitetônica possam exprimir, enquanto neles se exprimiou toda uma espiritualidade.

Dessa forma, a arte é expressiva quando a ela se referir enquanto forma, enquanto linguagem artística. Para Pareyson (1997), a obra de arte é expressiva quando se atribui a ela um organismo que vive por conta própria e contém tudo quanto deve conter. Assim, ela irá exprimir a personalidade do seu autor.

A arte contemporânea, como todas as demais artes retratadas historicamente, sofre influências sociais que fazem compreender a sua estética por meio de características próprias como o hibridismo, o efêmero e o conceitual. Isto porque a arte atual tem como proposta a utilização de diferentes materiais que permitem provocar a reflexão crítica no apreciador.

A arte contemporânea, não estando mais preocupada com a beleza do objeto, nem exclusivamente com sua forma, mas com os significados que os objetos e os materiais podem produzir no observador, ou ao se propor como reflexão sobre o homem e o seu tempo, não permite uma contemplação rápida e inconsciente. Ela quer justamente se opor à velocidade do mundo atual e provocar instantes de fruição intelectual, não mais os pequenos prazeres dos grupos sociais afortunados, mas uma arte possível a todos, que traga consigo os problemas que afligem o homem contemporâneo. (BINI, 2018, p.76)

A arte atual é criada a partir do tempo e do espaço no qual se manifesta, passando por um processo de questionamento constante, propondo novas ideias, novas concepções artísticas que rompem com a ideologia do passado, que retratava a arte por meio de uma abordagem ritualística, religiosa e decorativa. A partir de então, o belo na arte passa a ser contestado e a compreensão de arte passa a ter novos paradigmas estéticos.

O problema de avaliar a arte contemporânea é que ela ainda está viva e em crescimento. A história irá dizer quem viverá na memória e quem desaparecerá. O que é claro, entretanto, é que desde 1960 os movimentos vêm e vão num piscar de olhos. O fio condutor comum a todos é a oposição ao Expressionismo Abstrato. Os pintores *hard edge* e os escultores minimalistas, criando formas semelhantes a máquina, aniquilaram o culto à personalidade da pintura em ação. Os artistas *pop* abraçaram as imagens comerciais, os conceitualistas reduziram a ideia de arte a mão ao nível zero, deixando a arte existir mais na mente do que na tela (STRICKLAND, 2004, p. 168).

A arte contemporânea se torna desafiadora para artistas e público que a aprecia, uma vez que as obras deveriam ter originalidade, afastando-se das meras novidades que até o momento se privilegiava no mundo artístico. Para Strickland (2004) a arte vai se tornando mais intencional, sem uma área geográfica dominante, e mais diversificada que nunca. Depois de muito tempo de experimentação, o legado é de liberdade total.

Com essa nova perspectiva artística, a arte não pode mais ser pensada sem considerar o subjetivo, o abstrato, ou seja, as sensações existentes entre a obra, o artista e o público. Neste sentido, é importante questionar quais as percepções sensíveis que as obras de arte contemporânea provocam a partir das concepções estéticas?

O estudo aqui apresentado tem por objetivo discutir a concepção estética nas obras de arte contemporânea, a partir dos conceitos dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Este artigo científico é de natureza teórico-analítica e busca fornecer subsídios conceituais acerca da estética e da arte contemporânea como proposta de apreciação artística na atualidade. Sua fundamentação teórica está dividida em dois eixos estruturantes, sendo que o primeiro se dedica à composição de subsídios teóricos que identificam as categorias estéticas dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari e o segundo analisa três obras de arte contemporânea, destacadas do Instituto Inhotim, que é um dos maiores Museus de Arte Contemporânea da América Latina, no qual abriga um complexo museológico ao ar livre. Estas obras de arte contemporânea dialogam com a concepção estética destes filósofos, buscando compreender os blocos de sensações (os perceptos e afectos).

Por fim, este artigo tem grande relevância para a análise da estética na arte, a fim de contribuir para discussões sobre as experiências sensíveis que levam o sujeito apreciador a constituir novos olhares sobre o mundo que o rodeia.

## **CATEGORIAS ESTÉTICAS DOS FILÓSOFOS GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI**

*“Tudo é visão, devir”.*  
(DELEUZE, GUATTARI, 1997, p 220)

Os filósofos franceses Deleuze e Guattari (1997), em sua obra “O que é a filosofia”, discorrem sobre a arte numa perspectiva de análise referente as categorias estéticas. Eles compreendem a arte a partir das sensações, considerando a linguagem sensível uma alternativa para entrar nas palavras, nas cores, nos sons ou nas pedras. Segundo esses dois autores, “a obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si” (1997, p.213). Este tema propõe compreender a relação das percepções sensíveis a partir das obras de arte criadas historicamente.

A arte, para eles, se conserva, existe por si só, o que significa que não está relacionada somente ao material ou à técnica utilizada pelo artista, mas a um bloco de sensações que é composto de “perceptos e afectos”, e é esta intenção que faz dela arte e a faz existir para além do seu tempo. Para os autores, a denominação de perceptos e afectos está na arte e no afetamento que a contemplação da obra pode provocar no artista e no espectador. Por isso, independentemente do tempo em que a obra foi criada, a sensação existente está nela, está no seu material, está na sua forma, está na sua técnica, está no seu significado, está na sensação que ela causa, está no espaço que ela ocupa, ou seja, está em tudo que persiste na obra de arte.

Nessa perceptiva, a arte é criadora de sensações, pois toda matéria se torna expressiva. Assim, quando Deleuze e Guattari descrevem as sensações existentes, consideram as diferenciações entre perceptos e afectos. Segundo eles:

O afecto não ultrapassa menos as afecções que o percepto, as percepções. Não é a passagem de um estado vivido a um outro, mas um devir não humano do homem. [...] não é uma imitação, uma simpatia vivida, nem mesmo uma identificação imaginária. Não é a semelhança, embora haja semelhança. É antes uma extrema contiguidade, num enlaçamento entre duas sensações sem semelhança [...] (1997, p. 224-225).

Para Deleuze e Guattari (1997) são os perceptos e afectos que fazem com que a arte resista o tempo. Fazem com que ela crie e recree no passado, presente e futuro. O afecto, citado dentro do bloco de sensação, está presente naquilo que a arte proporciona, a partir do que está na obra, sua forma, cor, som, bem como o que se vê, o que se ouve, o que se sente. A sensação está na criação e o percepto é considerado o motivo, ou seja:

Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afectos, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.213).

Corroborando os autores, a arte está carregada de perceptos e afectos, ela não precisa necessariamente do Homem para existir, ela por si só é o bloco de sensação, que pode ou não atingir e ou afetar o ser humano.

Este bloco de sensações, composto por perceptos e afectos, aparecerá como a unidade ou a reversibilidade daquele que sente e do que é sentido, podendo ser percebido como seu íntimo entrelaçamento. Este bloco também precisa de bolsões de ar e de vazio, pois mesmo o vazio é considerado sensação. Segundo Deleuze e Guattari (1997, p.215):

Toda sensação se compõe no vazio, compondo-se consigo, tudo se mantém sobre a terra e no ar, conserva o vazio conservando-se a si mesmo. Uma tela pode ser inteira preenchida, a ponto de que mesmo o ar não passe mais por ela; mas algo só é uma obra de arte se, como diz o pintor chinês, guarda vazios suficientes para permitir que neles saltem cavalos.

Portanto a arte vai muito além da tinta, da cor, da tela, ou de qualquer coisa real, concreta que a faça existir. A arte proporciona enxergar o que não está visível aos olhos. É necessário que o momento da apreciação provoque sensações capazes de enxergar os mais diversos signos associados a condição de vida, ao acontecimento, ao diálogo e as relações de encontro entre o objeto, o material, a técnica e as intencionalidades existentes a partir da criação da obra pelo artista.

O artista contemporâneo não está mais em busca da beleza da forma: ele está em busca de uma nova sensibilidade, que pode se afastar dos ideais estéticos da beleza. Mas ele quer provocar o observador a refletir sobre si mesmo e sobre seu papel no mundo. A arte contemporânea está voltada principalmente para as questões existenciais, para o fazer pensar (BINI, 2018, p. 61-62).

Deleuze e Guattari (1997, p.250) vão dizer que “a visão existe pelo pensamento, e o olho pensa, mais ainda do que escuta”. Isto porque toda obra de arte, seja ela uma pintura, um desenho, uma gravura, uma escultura, ela é percebida como pensamento, entregando ao olho do espectador tudo que for possível.

Neste sentido, o que se conserva na obra de arte são os perceptos e afectos, não o material ou a obra em si, mas as sensações que ela causa, fazendo com que o material se integre na sensação. Para Deleuze e Guattari (1997) mesmo se o material só durasse alguns segundos, daria à sensação o poder de existir e de se conservar em si, na eternidade que coexiste com esta curta duração. Nesta perspectiva, os autores consideram que “o objetivo da arte, com os meios do material, é arrancar o percepto das percepções do objeto e dos estados de um sujeito percipiente, arrancar o afecto das afecções, como passagem de um estado a um outro” (1997, p.217). Isto é interpretado como um bloco de sensações, ou seja, um puro ser de sensações.

A arte também é analisada como independente do criador, pois os artistas são percebidos como filósofos, como aqueles que viram algo na vida grande demais para qualquer um, até mesmo para eles. Os artistas, ao criar uma obra de arte, passam pelo percepto, ou seja, buscam um motivo para sua obra. Para Deleuze e Guattari (1997), os artistas são aqueles que inventam o não conhecido e desconhecido, associam o afecto a força de criação. O artista é mostrador, inventor e criador de afectos, em relação com os perceptos ou as visões que nos dá. O artista, por meio da sua obra, pode proporcionar modificações nos sujeitos afetados pela experiência estética.

Mas não é somente em sua obra, representada pelo objeto em si, que o artista cria, ele vai além, ou seja, ele pode transformar o público, fazer o público pensar e refletir diferente. Este pressuposto categórico composto por técnica e estética, integra o público na manifestação artística. Para Deleuze e Guattari (1997, p. 227):

É assim, de um escritor a um outro, os grandes afectos criadores podem se encadear ou derivar, em compostos de sensações que se transformam, vibram, se enlaçam ou se fendem: são estes seres de sensação que dão conta da relação do artista com o público, da relação entre as obras de um mesmo artista ou mesmo de uma eventual afinidade de artistas entre si. O artista acrescenta sempre novas variedades ao mundo.

A criação que traz a luz do dia são os perceptos e afectos, são os devires não humanos do Homem. Isto porque, para estes filósofos, o olho pensa e esta visão traz à tona o invisível, ou seja: Como ver e pintar os sons? Como ouvir as cores latentes? São perguntas que dialogam com a invisibilidade da arte. É tornar sensível as forças insensíveis que povoam o mundo, é permitir que a arte provoque, que sensibilize, que afete, e por meio destas sensações, faz surgir o devir. É ir além do que é julgado real e concreto. Outro aspecto a destacar é que, para Deleuze e Guattari, a arte não tem opinião, mas ela é capaz de abstrair a sensação da opinião.

Estes compostos de sensações são provocados pelas categorias estéticas que a arte pode expressar. Categorias estas que estão associadas às sensações presentes na apreciação artística, no contato com a arte, na experiência provocada.

## **OBRAS DE ARTE CONTEMPORÂNEA QUE DIALOGAM COM A CONCEPÇÃO ESTÉTICA DOS FILÓSOFOS GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI**

*“A arte abstrata, e depois a arte conceitual, colocam diretamente a questão que impregna toda pintura – sua relação com o conceito, sua relação com a função”.*  
(DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 237)

O contemporâneo na arte surge a partir de 1960 com uma criação voltada para o mundo atual. A arte contemporânea se diferencia das artes criadas até este momento histórico, por privilegiar a participação do público e utilizar os meios tecnológicos, bem como materiais do cotidiano que, quando usados, ganham outro sentido na obra de arte. Ela tanto pode ser conceitual, híbrida, efêmera,

como pode se caracterizar pela espontaneidade, manifestando-se por meio da *instalação, assemblage, performance, happening, readymade, videoarte, bodyart, anti-form, land art, arte povera*, etc. Para representar o que a arte traz atualmente é importante destacar que os materiais utilizados, que podem ser objetos fabricados, materiais naturais e perecíveis, tal como o próprio corpo do artista, são relevantes na construção da ideia e do conceito da arte.

Para Deleuze e Guattari (1997), a arte pode ser compreendida, não como virtual, nem como atual, mas como possível, e é a existência do possível que é entendida como categoria estética.

Não é simples definir a arte contemporânea, como também não é fácil analisar as obras esteticamente no mundo atual. Isto porque ela permitiu o uso de inusitados materiais, permitiu todo o tipo de processo artístico, muitas vezes incompreensível pelos críticos e pelo próprio público. Segundo Millet “é nesta área de liberdade, que se continua a desenvolver alegremente a arte de hoje” (1997, p. 15-16). Esta arte pode ser entendida como original, curiosa, que expressa liberdade total com o máximo de intensidade. Cauquelin (2005, p.11) nos diz que:

Para aprender a arte como contemporânea, precisamos, então, estabelecer certos critérios, distinções que isolarão conjunto dito “contemporâneo” da totalidade das produções artísticas. Contudo, esses critérios não podem ser buscados apenas nos conteúdos das obras, em suas formas, suas composições, no emprego deste ou daquele material, também não no fato de pertencerem a este ou aquele movimento dito ou não de vanguarda. Com efeito, a esse respeito, teríamos ainda que nos defrontar com a dispersão, com a pluralidade incontrolável de “agora”. De fato, os trabalhos que tentam justificar as obras de artistas contemporâneos são obrigados a buscar o que poderia torná-los legíveis fora da esfera artística, seja em temas culturais, recolhidos em registros literários e filosóficos.

Nesta perspectiva, a arte contemporânea passa a ser pensada a partir da relação cultural, social e filosófica, contemplando aspectos como obra, artista, público e material, considerando o espaço e o tempo da sua criação. Tudo é permitido, tudo é possível, quando se tem a aproximação com a vida, buscando usar materiais diversificados, explorando locais diversos para sua exposição, bem como, possibilitando maior participação do público.

Um exemplo de arte contemporânea, mais precisamente *arte povera*, a qual apresenta características como a experimentação de materiais não convencionais, mostrando uma ideia inversa ao racionalismo, pode ser percebido nas obras do artista italiano Giuseppe Penone (1947), que tem interesse em realizar obras associando intervenções escultóricas com a natureza.

Artista: Giuseppe Penone. Obra: Elevazione, bronze (2000-2001). 1000 x 600 x 600 cm. Instituto Inhotim, Minas Gerais.



Fonte: Registro fotográficos coligidos pela autora.

De acordo com informações publicadas pelo Instituto Inhotim, considerado a sede de um dos mais importantes acervos de arte contemporânea do Brasil, localizado no Estado de Minas Gerais, onde a obra está exposta, Penone cria seus trabalhos artísticos elaborando técnicas de escultura que dialogam com a natureza, permitindo “dualidade entre o fenômeno artístico e o natural” (Instituto Inhotim, 2018). A técnica parte da modelagem para posteriormente ser banhada em bronze. Ao lado da árvore de metal foram plantadas cinco árvores naturais que criam um espaço arquitetônico com a finalidade de abrigar a escultura.

A obra de Penone, como muitas outras expostas no Instituto Inhotim, estão localizadas na área externa, junto a um parque natural. Esta exposição também caracteriza a arte contemporânea, pois saem dos espaços tradicionais de exibição, que geralmente são galerias fechadas.

Esta escultura é um exemplo que proporciona interação, reflexão e questionamento do público, ou seja, permite uma apreciação estética que sensibiliza, que provoca emoções quando o espectador visualiza a árvore fora de um padrão habitual.

Os blocos de sensações causados pelos perceptos e afectos que Deleuze e Guattari (1997) descrevem, são claramente perceptíveis na arte contemporânea, quando o público é sensibilizado e provocado pela obra. A arte é percebida além do visível, é subjetiva, é abstrata, está nas experiências individual e coletiva do espectador. A sensação está no material, no conceito semiótico.

A arte atual busca estar mais próxima do espectador, busca fazer parte da vida cotidiana dos indivíduos, como uma experiência integrada entre artista, obra e público. Segundo Millet, as “obras são concebidas de tal forma, que o espectador sente mesmo que toma parte na sua realização. Ele é, em parte, seu ator (...)” (1997, p. 39). Para ele “tratava-se de abandonar uma concepção do artista que impõe ao público a sua visão do mundo e permitir a esse público exprimir-se ele próprio” (1997, p. 39). O espectador tem a oportunidade de apreciar a obra de arte atual explorando todos os sentidos, não somente a visão, mas a audição, o olfato, o paladar e o tato. Com isso, ele torna o momento da apreciação única, permitindo sensibilizar-se esteticamente com a arte.

Para Vinhosa (2011, p.58):

Se o artista, ao realizar seu trabalho, aspira partilhar seu mundo com o outro, o receptor, por seu turno, ao servir-se da obra, vê emergir dessa experiência uma superfície de contato. Nesse assentimento, percebe-se uma forma de vida compartilhada delinear-se no espaço comum. A obra de arte consumada entre dois ou mais sujeitos, não terá outra função no mundo senão dar materialidade ao mundo real.

A ocasião de apreciar a obra de arte se torna um momento de partilha de experiência, de conhecimento, de reflexão de tudo que permeia o mundo real e imaginário. Portanto o espectador deve-se sentir abraçado pelo contexto no qual a obra foi criada.

Deleuze e Guattari (1997) vão dizer que a arte tem ligação com a intensidade dos afetos que se relacionam com o sujeito. Todos os que estão envolvidos, de alguma forma, com a arte e sua criação, são surpreendidos pelos seus signos, bem como pela sua intencionalidade.

A obra “Piscina”, do artista argentino Jorge Macchi (1963), tem como objetivo descrever uma “trajetória do imaginário para o real, do sonho ao corpo” (Instituto Inhotim, 2018). Esta obra tem um potencial participativo, promovendo um encontro entre o imaginário fantasioso do artista e a experiência física do espectador.

Artista: Jorge Macchi. Obra: Piscina, 2009. Massa de cimento branco e granito.



Fonte: Registro fotográfico coligido pela autora.

O espectador tem a oportunidade de tomar banho nesta obra intitulada “Piscina”, que foi projetada a partir de uma série de desenhos do artista representando “objetos cotidianos em estranhas fusões e situações alteradas” (Instituto Inhotim, 2018). Para Vinhosa (2011, p. 59) a obra de arte é entendida “como objeto concretamente manifesto, está no centro do evento ao qual o receptor se vê integrado”.

R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium, Curitiba, v.5, n.2, p. 254 – 266 Jul.-Dez. 2018.

Macchi transpôs a sua ideia bidimensional para a tridimensionalidade, convidando o público a participar de sua obra com um delicioso banho. Segundo Deleuze e Guattari (1997) toda matéria se torna expressiva, pois o artista é aquele que proporciona pura sensação através de sua arte. Vinhosa (2011, p. 59) vai dizer que a arte “conduz ao estado de felicidade: a satisfação de receber que ele experimenta”.

Deleuze e Guattari (1997) também descrevem que toda obra de arte é considerada um monumento, mas é importante salientar que este monumento não está ligado ao passado, mas a um bloco de sensações presentes. Isto significa que o monumento não comemora algo que já passou, mas transmite para o futuro as sensações persistentes que encarnam acontecimentos atuais, ou seja, alegrias, sofrimentos, vitórias, lutas, protestos, etc. da atualidade.

Esta concepção estética atual compreende a arte numa esfera conceitual, onde a ideia proposta pelo artista pode ser mais importante que o objeto em si, valorizando a experiência que o contato com a arte pode causar no público. Mas isso nem sempre é percebido tão facilmente, porque muitas vezes a arte do passado impede que o público perceba e esteja preparado para apreciar a arte do tempo atual. Segundo Cauquelin (2005) a arte, como todas as demais áreas, sofrem rupturas historicamente. A arte moderna pertence ao regime de consumo e a arte contemporânea ao da comunicação.

A arte contemporânea compartilha do conhecimento das linguagens das diferentes áreas, da comunicação visual, oral, gestual, performática, tecnológica, bem como busca proporcionar reflexões sobre aspectos relevantes da vida do ser humano.

A instalação intitulada “A origem da obra de arte, feita pela artista brasileira Marilá Dardot (1973), foi criada com o objetivo de instigar o público a participar na obra, isto porque ela é composta por vasos feitos de cerâmica em forma de letra que permitem a elaboração de palavras e frases em meio a um campo. O trabalho propõe “plantar palavras e semear ideias” (Instituto Inhotim, 2018).

Artista: Marilá Dardot (1973). Obra: A origem da obra de arte, 2002.



Fonte: Registro fotográfico coligido pela autora.

Com essa abordagem voltada para a comunicação, para as linguagens, Millet (1997, p.44) descreve que:

As obras não se definem, assim, nunca enquanto tais, por referência a um modelo, que lhes seria exterior, de obra de arte, mas só se constituem como obras de arte na confluência, inédita e que permanecerá única, dos seus métodos. Aliás, muitas dessas obras – performance, instalações... – confundem tempo de elaboração e tempo de exposição. O artista não reutilizará, provavelmente nunca, os objetos, nem as técnicas a que recorreu em determinada ocasião; diante de outro público, o performer não repetirá nunca os mesmos gestos. No limite, poder-se-ia dizer, que cada obra enuncia a sua definição do que é uma obra de arte.

O ineditismo, se tratando de arte contemporânea é, no mínimo, um aspecto a se considerar. As obras são criadas com particularidades próprias, deixando a imitação de lado. Neste sentido, os perceptos e afectos são construídos de acordo com a obra, com o artista e o sujeito. Na relação estabelecida entre eles, considerando a singularidade estabelecida neste contato.

A estética da arte atual supera a liberdade de criação por parte do artista, como também, propõe liberdade de interpretação para o espectador. Danto fala que “o contemporâneo é, de determinada perspectiva, um período de desordem informativa, uma condição de perfeita entropia estética. Mas é também um período de impecável liberdade estética. Hoje não há mais qualquer limite histórico. Tudo é permitido” (2006, p.15).

O lugar, o espaço, a paisagem, tudo faz parte da obra. As obras contemporâneas exploram inusitados espaços, buscam surpreender e instigar o espectador a relacionar o contexto com a arte, como se arte agisse na vida. Para Pareyson (1997), a arte é uma atividade específica, com características e finalidades próprias, com uma natureza que emerge da vida. Para o autor, a vida do Homem penetra na arte porque a arte está presente em toda a vida do ser humano, constituindo-se-lhe um íntimo conteúdo.

Ainda no que se refere a definição de arte, Deleuze e Guattari (1997) destacam a importância da arte diante da compreensão de composição estética. Para eles, o que não é composto não é uma obra de arte. O composto é o que está associado às sensações, ao percepto e afecto, ao bloco de sensações possíveis que uma obra de arte pode manifestar no artista e no espectador em diferentes tempos e espaços.

Esse entrelaçamento da arte com tudo que faz dela emergir, como as possíveis compreensões, as experiências vividas, as emoções geradas, as reflexões provocadas, constitui-se o bloco de sensação que é composto pela análise estética historicamente construída na vida de cada indivíduo. A estética na arte propõe um diálogo com todas as artes criadas, com os signos que permitem perceber os símbolos e seus significados, com as funções que a arte pode empenhar na vida, seja ela se cunho educativo, moral, científico, político, social e ou religioso. É importante que o ser humano descubra as possibilidades, dentro dessa perceptiva de bloco de sensação construída pelos teóricos Deleuze e Guattari, que a arte pode provocar na vida de cada ser humano que evidencie como experiência estética.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Não estamos no mundo, tornamo-nos com o mundo, nós nos tornamos, contemplando-o”.*  
(DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 220)

Historicamente, a arte teve uma função ritualística, religiosa e decorativa. Estes conceitos de arte perduraram por muito tempo e conseqüentemente a perspectiva estética da arte na atualidade também ficou ligada a esses conceitos do passado. Foi a partir de artistas modernistas que a arte se mostrou ao mundo numa concepção diferente. Não mais pelo objeto artístico em si, mas pela expressividade da obra que considera o que artistas e espectadores pensam e sentem, bem como, pelo material, local e todos os aspectos pertinentes a obra.

A partir da arte moderna, que já começa a promover rupturas de pensamento, surge a arte contemporânea que vem com um propósito ainda mais contundente no que se refere a possibilidade de criação artística. Para a arte atual tudo é possível, existe uma liberdade de expressão. Isto significa que o artista pode se expressar por meio de diferentes linguagens, formas e materiais. Portanto, a arte enquanto acontecimento, condição de vida, liberdade de criação e de possibilidade de encontro entre obra, artista e público faz surgir a concepção dos filósofos Deleuze e Guattari. Para estes autores, a arte é uma sensação possível, é o que se mostra visível e invisivelmente.

A arte na atualidade pode ser concebida como uma forma de pensamento em que transcende o material, o que está visível e invisível. Está relacionada à vida do ser humano, compartilhando alegrias, vitórias, angustias, tristezas, aflições, bem como, considera aspectos sociais, científicos, econômicos, religiosos, educativos e políticos.

Atualmente, a concepção estética da arte está mais diretamente associada à liberdade de criação, ao conceito da obra, do que ao objeto em si. O objeto faz parte da obra, como o artista e o espectador também. Tudo que contempla a obra, segundo Deleuze e Guattari, faz parte do bloco de sensações. Bloco este que valoriza, inclusive, o vazio. Porque mesmo o vazio pode ter significado, pode expressar sensações.

Em face desse contexto, pode-se afirmar que as percepções sensíveis que as obras de arte contemporâneas provocam a partir das concepções estéticas são de reflexões que permitem afetar-se. Este afetamento faz com que o sujeito pense, reflita e analise, de maneira que ele se transforme socialmente. Ele não será mais o mesmo. A experiência provocada a partir da apreciação estética faz com que ele se modifique enquanto sujeito integrante de um contexto social. Mas sabe-se que nem todos os espectadores estão preparados para este movimento de afetamento quando deparados com a arte. Isto acontece porque nem sempre o sujeito se abre para a apreciação artística, para a reflexão, para o questionamento, para a sensibilização que ela pode causar. O sujeito precisa permitir que o bloco de sensação, estabelecido pelo percepto e afecto, arranque as sensações possíveis entre a obra de arte e tudo que faz parte dela.

A apreciação estética não é simples, nem tampouco se constrói rapidamente, ela é vivida em um espaço de tempo que necessita da análise constante, da sensibilização dos sujeitos envolvidos com todo o processo artístico.

Quando Deleuze e Guattari expõem seus estudos afirmando que a arte faz pensar por sensações, buscam explorar os sentidos dos seres humanos por meio da visão, da audição, do tato, do gosto. Estas sensações precisam ser exploradas quando em contato com a arte, seja numa apreciação de um objeto ou uma apresentação artística, para serem compreendidas, para serem significativas e se tornarem uma experiência estética.

É por meio da arte e da filosofia que os sujeitos têm a oportunidade de pensar e agir na sociedade de uma forma diferente, quando estes estão sensibilizados, pois a concepção estética em relação aos diferentes temas emergentes que as manifestações artísticas expõem, permitem uma nova postura social dos indivíduos, um novo olhar sobre o mundo que os rodeia.

## REFERÊNCIAS

BINI, Fernando A. F. A frágil e complexa noção da arte contemporânea. In: CONRADO, Marcelo (org.). **Dilemas da Arte Contemporânea**. Curitiba, 2018.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005.

DANTO, Arthur. **Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história**. São Paulo: Odisseus Editora, 2006.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia**. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 1997.

Instituto Inhotim. Disponível em: <http://www.inhotim.org.br/>. Acesso em 10 de janeiro de 2018.

MILLET, Catherine. **A arte contemporânea**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. Martins Fontes. 3ª ed. São Paulo, 1997.

STRICKLAND, Carol. **Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

VINHOSA, Luciano. **Obra de arte e experiência estética: arte contemporânea em questão**. Apicuri. Rio de Janeiro, 2011.